

ESCOLA LOURENÇO CASTANHO
PROJETO CIENTÍFICO

**A INCIDÊNCIA E O IMPACTO DO TEMA DO RACISMO NOS CONTEÚDOS
PRESENTES NOS EXAMES DE VESTIBULARES DA CIDADE DE SÃO PAULO**

**GRAZIELA MARADEI AYRES
LUANA ALENCAR MASIVIERO DE ANDRADE
VALENTINA DE LUCA FERREIRA**

Orientador: Prof. EDNILSON APARECIDO QUARENTA

São Paulo
Novembro de 2020

RESUMO

O racismo é uma questão polêmica que se encontra fortemente presente na sociedade, e que parte de uma discriminação e segregação social, sendo assim algo que necessita com urgência ser combatido. Partindo da ideia de que o racismo é estrutural e está extremamente enraizado nas relações sociais, a temática fora relacionada com a educação, pois é através da mesma que é possível combatê-lo, já que a diminuição da ignorância nos leva ao desenvolvimento. Assim, acolhendo tal temática, se criou a questão de como esse assunto está -ou não- presente nos exames de vestibulares de ingresso a universidades, visto a necessidade de implementar e abordar tal problema em todas as áreas do conhecimento, na busca de maior envolvimento com o tema racial.

Palavras chave: Educação. Racismo. Vestibulares. Sociedade. Discriminação.

ABSTRACT

Racism is a controversial issue that is strongly present in society, and that part of a discrimination and social segregation, thus being something that urgently needs to be combated. Starting from the idea that racism is structural and extremely rooted in social relations, the theme was related to education, because it is through it that it is possible to fight it, since the reduction of ignorance leads us to development. Thus, embracing this theme, the question was raised as to how this issue is - or not - present in university entrance exams, given the need to implement and address this problem in all areas of knowledge, in search of greater involvement with the racial theme.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	3
1.1- Tema	3
1.2- Problema	4
1.3- Objetivos	4
1.4- Hipóteses	5
1.5- Justificativa	5
2- METODOLOGIA	6
3- REVISÃO TEÓRICA	9
4- RESULTADOS	20
5- ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
6-CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema

Racismo, de acordo com o livro *Racismo Estrutural* escrito pelo advogado e filósofo Silvio Almeida, "é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento" (ALMEIDA Silvio, *Racismo Estrutural*, pg 32), podendo ser consciente ou inconsciente. Desse modo, é possível dizer que o racismo é uma estrutura social profundamente enraizada na sociedade a partir de diversos processos históricos que hoje levam à segregação, o ato de se afastar de um grupo ou o isolamento forçado do mesmo.

A partir da noção de racismo estrutural trazida pelo livro do Silvio Almeida, foi pensada a forma que o racismo está enraizado na sociedade e como seria possível desenraizá-lo.

A questão racial no Brasil e no mundo traz diversas dúvidas e reflexões. Sendo assim, no início do trabalho o grupo teve uma questão e um cuidado especial sobre a ideia, a questão do racismo é o lugar de fala de meninas brancas de classe média-alta? Sendo assim, com essa dúvida durante todo o percurso, o grupo fez a leitura da Djamilia Ribeiro, que em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, diz que é necessário o estudo, leituras de autores negros por parte dos brancos também, principalmente destes que tem acesso a bibliotecas e universidades, sendo essa uma responsabilidade que não deve ser delegada.

Assim, visto que, a educação, por parte, é responsável pela formação de indivíduos pensantes, além de abranger as diversas classes sociais e as diversas cores de pele, foi pensado em como a questão do racismo se faz presente nos vestibulares, já que tais provas marcam a vida de estudantes que buscam se tornar futuros profissionais e contribuintes a sociedade.

Logo, se concluiu a temática: A incidência e o impacto do tema do racismo nos exames de vestibulares em SP: uma percepção de estudantes.

1.2 Problema

Visto que a educação, por parte, tem a responsabilidade de construir a sociedade e que ela tem influência direta na formação do pensamento de indivíduos, é de extrema importância e necessário mobilizar e incluir questões sociais, entre elas o racismo, nas organizações educacionais (escolas, universidades e etc). Assim, através da relação de coexistência entre o racismo e a educação, foram pensadas questões que moldaram o caminho do grupo.

Essas questões foram de extrema importância para que o trabalho acontecesse. Assim, foram criadas as questões problema: De que maneira o tema do racismo têm mobilizado os conteúdos curriculares cobrados nos exames vestibulares em São Paulo? Qual a incidência desse tema na articulação dos comandos das questões, em que áreas do conhecimento e disciplinas ele se está ou não presente?

1.3 Objetivos

Como objetivo do trabalho, o grupo buscou trazer a questão do racismo estrutural, o qual está enraizado na sociedade, e portanto suas devidas consequências e acarretamentos. Como desenraiza-lo? Como a educação pode transformar e reverter a questão do racismo? Para isso, foi feita a análise de diversas provas de vestibulares de ingresso a universidades, no intuito de entender como questões raciais são incluídas e abordadas, ou não, para jovens estudantes em fase de desenvolvimento de seu intelecto.

Dada a análise dos vestibulares é nítido a necessidade de mais questões que possam trazer o racismo como pauta e assim envolvê-lo mesmo que de forma indireta. Nas áreas de ciências humanas e linguagens pareceria mais viável a abordagem de tal tema, visto que várias questões abordam a história da humanidade, a qual o racismo está incluído. O racismo ao ser trabalhado e pensado a partir de exames de vestibulares, ou seja, junto a questão educacional passa a diminuir. Sendo assim, ao incluir tal tema nas provas, esse conseqüentemente será incluído no currículo das escolas, sendo essa uma forma de combate ao problema. Assim, o assunto será encaminhado para a futura geração, a qual passará tais conhecimentos para frente.

1.4 Hipóteses

Durante a pesquisa, surgiram hipóteses de como o racismo estaria presente na educação, mais especificamente, nos exames de vestibulares.

Assim, visto que na escola, ao se falar de racismo, as matérias que estão majoritariamente envolvidas são linguagens e ciências humanas (história, geografia, filosofia e sociologia), assim, através de análises, percebe-se que fora criada uma ideia de que o racismo é uma questão de humanidades e que não se envolve com matemática e ciências naturais.

Visto isso, para o grupo, com seu repertório e através de pesquisas, foi criada a hipótese de que a temática do racismo estaria mais presente e incluída nas áreas de ciências humanas e linguagens, e que não existiria a presença da temática em ciências da natureza e matemática, ou, caso existisse, essa presença seria mínima e seria encontrada em uma taxa extremamente menor do que nas áreas de humanidades.

1.5 Justificativa

No mundo contemporâneo atual a sociedade e suas devidas relações, sejam pessoais, de trabalho etc, são pautadas no modelo capitalista; o qual requer participação efetiva e que portanto proporciona que o eixo social funcione corretamente. O ciclo imposto aos cidadãos; escola, faculdade e trabalho, funciona como uma engrenagem que move o cotidiano.

Assim, a educação sendo algo de extrema importância na sociedade, contribui para o desenvolvimento intelectual e social das pessoas, tanto para um ambiente coletivo, quanto pessoalmente.

Portanto, os problemas existentes devem ser resolvidos através da educação, a qual constrói e forma o indivíduo, assim, problemas que se apresentam enraizados e passados de gerações à gerações de forma hierárquica podem ser desconstruídos, no intuito de uma evolução social coletiva. O racismo por ser uma questão estrutural, vinda desde o período colonial e da era da escravidão, nunca deixou de afetar (de uma forma ou outra) o cotidiano e as relações atuais. Sendo assim, uma solução viável para extinguir este fenômeno seria a educação, a qual transformaria os indivíduos e transformaria as gerações.

2 METODOLOGIA

Inicialmente, o trabalho iria se basear nos resquícios que a escravidão deixou nos dias de hoje. Para fazer com que o grupo entendesse mais sobre o assunto, foi feita a leitura do livro *Racismo Estrutural*, do escritor, advogado e filósofo Silvio Almeida. A partir dessa leitura, houve a apropriação de diversos novos conceitos, que partem da ideia do racismo como algo estrutural. Além disso, a leitura do livro foi de extrema importância, visto que, era necessário se apropriar de conceitos para a conclusão de uma temática. Sendo assim, se criou a questão: Qual influência tem a escravidão na segregação racial vivida pelos negros no Brasil atualmente?

Para a resposta dessa questão, foi pensada a continuação da leitura do livro, pesquisas de campo na cidade de São Paulo, entrevistas com especialistas e pessoas que vivenciam o racismo e suas discriminações. Além disso foi pensada uma análise de locais como shoppings localizados nos bairros nobres de São Paulo, algo que mostraria como a segregação racial está dividida no espaço. Para isso, seriam analisadas as diferentes funções sociais das pessoas que frequentam o shopping, entre elas, os vendedores, donos das lojas, faxineiros, seguranças e consumidores. Assim, haveria a contagem da quantidade de pessoas que fazem parte de cada grupo e suas respectivas cores de pele, revelando um dos aspectos abordados em nossas pesquisas e aprofundamentos do assunto; a invisibilidade social.

O mundo acabou vivendo um imprevisto com a vinda do vírus Covid-19 e suas consequências (quarentena) que assim influenciou diretamente nas pesquisas do grupo, fazendo com que -por questões de segurança- fosse necessário mudar os planejamentos e o encaminhamento do projeto. Para isso, começou a ser pensado outras formas de pesquisas e como seria possível adaptar o que já havia sido feito a nova realidade.

Visto estas circunstâncias, e a necessidade de uma mudança de rumo ao projeto, foi claro, que ao pensar no racismo, é fácil de relacioná-lo com a educação. Assim, além de pesquisas, foi escolhida a análise de exames de vestibulares, pensando que, ao ser tratada a questão do racismo nesses exames, poderia ser uma forma de combater-lo.

Assim, a partir da indignação, pela falta da abordagem do assunto na educação e no dia a dia dos alunos no Brasil, o grupo pensou no tema da incidência

e o impacto da temática do racismo nos exames de vestibulares em SP: uma percepção de estudantes.

Para isso, foram selecionadas 10 provas, sendo elas, seis exames públicos e quatro privados dos anos de 2018 e 2019. Sendo os exames: ENEM, Fuvest, Unesp, Puc, Mackenzie, Unicamp e Espm. Durante a análise das provas, foram divididas as questões por matérias, sendo elas: linguagens e códigos, matemática, ciências humanas e ciências da natureza.

EXAME QUE VAI SER ANALISADO	ANO DO EXAME
Enem	2019
Fuvest	2018
Puc-SP	2019
Unesp	2019
Mackenzie	2019
Espm	2019
Enem	2018
Espm	2018
Fuvest	2019
Unicamp	2019

Logo, surgiu a hipótese de que em matérias como ciências humanas e linguagens, a questão do racismo seria mais abordada do que em questões de ciências naturais e matemática, visto que, essa questão é uma questão considerada mais da área de humanas. Assim, surgiu uma questão, seria possível tratar do racismo em questões de ciências naturais e matemática? Sim, seria possível e algo de extrema importância.

Para entender melhor o funcionamento da educação, pedagogia e as questões sociais que acontecem nas salas de aula, foi feita a leitura de capítulos essenciais do livro *Ensinando a Transgredir* de bell hooks. Um livro que mostra como as diferenças entre as classes sociais e cores de pele se fazem nas escolas.

Com o objetivo de entender melhor como o racismo se faz presente na sociedade, foram feitas duas leituras, a primeira do livro *Pequeno Manual Antirracista* e a segunda do texto *Feminismo Negro Para um Novo Marco Civilizatório*, as duas leituras da autora Djamila Ribeiro.

Partindo da ideia que a educação tem um papel muito importante na formação de indivíduos, e da necessidade de abordar questões que envolvem o racismo em todas as áreas da educação, foi visível que se a questão racial fosse mais trabalhada, o abismo entre as diferentes cores de pele diminuiria.

3 REVISÃO TEÓRICA

No dia 13 de maio de 1888 foi aprovada a abolição da escravatura por meio da Lei Áurea, porém, como dito no samba-enredo da estação Primeira da Mangueira de 1988: "será que já raiou a liberdade, ou se foi tudo ilusão?"

O racismo é uma consequência de diversos fatores e acontecimentos históricos, por exemplo, a escravidão, que negros eram escravizados e colocados em condições desumanas, sendo assim, outras pessoas tinham o direito de propriedade sobre os mesmos, tratando-os como mercadorias e desvalorizando-os por sua cor de pele. Além disso, a ciência no século XIX, criou uma ideia de que características biológicas seriam capazes de explicar o surgimento de comportamentos violentos, dessa forma, segundo o livro *Racismo Estrutural*, "A pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos" (ALMEIDA Silvio, *Racismo Estrutural*, 2019, p. 32).

Durante os séculos XVII e XVIII, ocorreu o movimento iluminista, desenvolvido na Inglaterra. Sendo este um movimento de ideias de liberdade, assim, durante esse período se iniciou um rompimento da burguesia com a igreja, que na época controlava as ideias da população e era responsável pelas explicações de fenômenos naturais e culturais. Após esse rompimento, começou a existir um estudo dos homens (novo objeto do conhecimento), algo que se relaciona diretamente com a ciência. Isso, construiu ferramentas para que fossem feitas comparações e classificações dos mais diversos grupos humanos, a partir de características físicas e culturais.

Todos os acontecimentos históricos e a desvalorização dos negros, mostram herança escravocrata e classista que a sociedade carrega. Djamila Taís Ribeiro dos Santos, nascida em 1980, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, em seu texto *Feminismo Negro para um Novo Marco Civilizatório*, contextualiza o feminismo negro e como ele chegou no Brasil em 1980. Djamila usa Lélia Gonzáles em seu texto, usando uma citação de Lélia "o racismo se constituiu como a 'ciência' da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação." (RIBEIRO Djamila, in *Feminismo Negro Para um Novo Marco Civilizatório*) . Além disso é trazida por Djamila Uma ideia de que a sociedade carrega uma herança escravocrata, patriarcal e classista.

As heranças que são carregadas pela sociedade fazem com que aconteça a segregação racial, a ação de se afastar, ou de isolar um grupo, neste caso dos negros, de forma forçada e discriminatória.

O racismo é uma discriminação, que segundo o livro *Racismo Estrutural* do filósofo e advogado Silvio Almeida, pode ser, direta ou indireta, sendo a discriminação direta, "o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial" (ALMEIDA Silvio, *Racismo Estrutural*, 2019, pg. 32) , e a indireta, "um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada" (ALMEIDA Silvio, *Racismo Estrutural*, 2019, pg. 33).

Por consequência, a segregação racial leva à discriminação racial, que de acordo com a Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Normas de Discriminação Racial da ONU, ratificada pelo Brasil significa:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e/ou exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública (Declaração das Nações Unidas, Art. 1)

A temática do racismo se encontra presente na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, nos artigos 3º IV, que diz que um objetivo fundamental da república é promover o bem de todos sem preconceitos, no artigo 4º II e VIII que diz que a república rege suas relações com repúdio ao racismo, e no artigo 5º, que diz que todos são iguais perante a Lei, garantindo liberdade e o direito à vida a todos os residentes do país.

Além da Constituição, a temática do racismo se encontra na Declaração Universal dos Direitos Humanos, nos artigos I, II, IV e VII, sendo nesses artigos garantidos direitos como a liberdade independente de raça e da cor, a proibição da escravidão e a garantia a proteção contra qualquer discriminação.

Dessa forma, a questão da segregação racial está presente e é muito visível na educação, visto que em 2018, segundo o IBGE, 36,1% dos jovens de 18 a 24 anos no ensino superior eram brancos e 18,3% eram pretos e pardos. No mesmo ano, dos adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio, 6,1% dos brancos e 8,4% dos negros haviam abandonado a escola, 17,4% dos brancos e 26,7% dos negros estão com atraso escolar, e 76,5% dos brancos e 64,9% dos negros estudam na

etapa adequada. Isso deixa claro a segregação que está enraizada na sociedade brasileira.

Outras informações que se podem usar para explicitar a segregação racial é de que, segundo o IBGE em 2010, dos médicos funcionários públicos estatutários aproximadamente 80% eram brancos e 17,6% eram negros, sendo este um trabalho extremamente valorizado pela sociedade. Assim, ao trabalhar para o sistema público de saúde tem um salário de aproximadamente R\$5.000,00 até R\$14.000,00 e ao trabalhar para o sistema privado de saúde envolve um salário de aproximadamente R\$15.000,00 até mais de R\$60.000,00. Já dos coletores de lixo e materiais recicláveis aproximadamente 28,5% eram brancos e 70,2% eram negros, sendo esse um trabalho desvalorizado pela sociedade, apesar de ter uma importância imensa para a saúde e o convívio social. O salário dos coletores é de aproximadamente R\$1440,66 por mês por uma carga horária de 44 horas semanais.

Djamila Ribeiro em seu livro, *Pequeno Manual Antirracista*, relata que passou grande parte de sua vida acreditando no ponto de vista dos vencedores - como dizia Walter Benjamim - em relação a uma "passiva" aceitação da escravidão pela população negra, e até na "heróica" libertação pela princesa Isabel. No entanto, ao passar do tempo, compreendeu que seus antepassados haviam sido escravizados, de uma forma nada natural pela ação de outrem.

Além disso, Djamila, filha de militante negro, sempre procurou debater tais questões desafiadoras que envolvem uma revisão crítica profunda de si, e do mundo. A autora discute a importância de falar sobre racismo no Brasil, de uma forma estrutural, relacionando a escravidão e o racismo.

Assim, além do sistema beneficiar economicamente a população branca, a educação, que conforme a Constituição do Império deveria ser um direito de todos, era vetada para as pessoas negras escravizadas, pois se considerava cidadãos apenas os portugueses, os nascidos em solo brasileiro e inclusive os negros libertos, porém, esses direitos estavam diretamente ligados à posses e rendimentos, o que distanciava essa possibilidade aos libertos.

Ademais, a autora relata que no ano em que se proibiu o tráfico negreiro no Brasil, 1850, embora essa prática tenha persistido por mais 38 anos, coincidiu com a Lei de Terras, que extinguiu a apropriação de terras com base na ocupação, tornando-as mercadorias valiosas, restringindo massivamente os ex-escravizados

de obtê-las, e por outro lado, beneficiava acesso aos latifundiários. Tais dispositivos legais, só contribuíram para a manutenção da mentalidade "casa-grande e senzala".

Djamila, traz em seu texto uma reflexão da psicanalista Neusa Santos, que afirma que "a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça" e também instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

No Brasil, a ideia da escravidão é mais branda do que em outros lugares do mundo, e portanto, não se pode deixar de reconhecer as violências ocorridas durante este período. Além disso, a autora enfatiza que a prática antirracista é urgente e deve-se dar nas atitudes mais cotidianas.

A autora narra que o sistema racista está em constante processo de atualização, e que embora o Brasil seja um país diferente, é um equívoco, concluir que não somos um país racista. Visto isso, tal visão paralisa a prática antirracista, pois romantiza as violências sofridas pela população negra, com uma falsa ideia de harmonia.

Assim, Djamila diz que reconhecer o racismo, é a melhor forma de combatê-lo, e que não devemos ter medo das palavras "branco", "negro", "racismo", e "racista", isso não deve ser um tabu, pois o racismo está em todos. Dessa forma, ela finaliza fazendo a seguinte pergunta: "o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista?" (RIBEIRO Djamila, Pequeno Manual Antirracista, 2019, p.11)

Djamila, entendeu desde cedo que ser negra era um problema para a sociedade. Se deparou com questões de autoestima ao perceber que era diferente por não ser branca. Isto pois, ao circular em locais de poder, como um hotel de luxo por exemplo, era confundida com copeira, faxineira, ou prostituta, sem questionar a dignidade de tais profissões, apenas como observação de determinados estereótipos.

Sendo assim, o grande problema era o pensamento de que pessoas negras só poderiam ocupar essas funções na sociedade. Além disso, teve a percepção de que muitas vezes, por ser julgada inferior pelos brancos, compreendeu que muitas vezes seus elogios, poderiam significar condescendência.

De acordo com essas experiências, ela diz que o problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir.

Citando a importância de discutir a branquitude, Djamila diz que todos possuem lugar de fala, pois todos falamos a partir de um lugar social, e, além disso, devemos questionar a ausência de pessoas negras em posições de destaque, ainda mais quando a população negra, no Brasil, é maioria, se tornando assim a maior nação negra fora da África.

Em sua narrativa, ela trata a relevante ideia de refutar a crença em um sujeito universal, pois, a branquitude também é um traço identitário, com privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos, portanto, se deve questionar por que os brancos são maioria nos espaços de poder, já que este não é um lugar natural, pois foi construído a partir de processos de escravização.

Por fim, compreende-se, que o racismo foi inventado pela branquitude, e que como criadora, deve-se responsabilizar por ele. No entanto, não se deve se sentir culpado por ser branco, porém, essa responsabilidade leva à uma ação, e o primeiro passo, é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo.

Djamila Ribeiro, questiona a forma que as pessoas admitem ter racismo na sociedade mas não se admitem como racistas. Sendo essa ideia algo impossível, visto que o racismo a partir da visão da autora, é um sistema que estrutura a sociedade, não sendo possível ser criado em uma sociedade racista, e não ser racista.

Além disso, é trazido como um fato que o racismo é algo tão presente, que muitas vezes passa despercebido pela sociedade, sendo este, presente em muitas piadas e no cinema. É fato que, em produções cinematográficas a quantidade de atores negros é muito menor que a de brancos, e quando é retratada a vida dos negros, normalmente é uma vida de pobreza e dificuldades, sendo raramente o negro retratado como uma figura vitoriosa. Visto isso, Djamila diz “o combate ao racismo é um processo longo e doloroso” (RIBEIRO Djamila, Pequeno Manual Antirracista, 2019, p. 19).

Ademais, a autora defende que a família tem um papel muito importante na formação da futura geração, e que a conscientização sobre o racismo pode começar em casa, fazendo leituras de histórias que os personagens negros fogem do senso comum. Sendo isso, algo necessário tanto para os negros quanto para os brancos, visto que, os brancos também precisam falar sobre o racismo e não deixar essa temática somente para os negros, não os tratando, como diz Djamila, de “Wikipretos”.

Por causa do racismo estrutural, os negros tem menos acesso a uma educação de qualidade e conseqüentemente a universidades. Sendo assim, o debate sobre vestibulares, a partir das ideias de Djamila, não é uma questão sobre capacidade mas sobre oportunidades, não se podendo comparar alguém que fala diferentes línguas, fez intercâmbio, entre outros privilégios, com alguém que precisa trabalhar já jovem para sustentar sua família. Sendo essa uma diferenciação que os defensores da meritocracia devem fazer.

A partir disso, a autora defende políticas públicas, defendendo que essas têm um potencial transformador na área da educação. Entre essas políticas, é citada em seu texto a política de cotas raciais, algo que foi introduzido em 2003 nas universidades.

A herança carregada pela escravidão, faz com que o ambiente de trabalho seja em local racista. No texto de Djamila, é trazida a ideia de “Negro único”, algo criado pela branquitude para dizer que não são racistas, pois, convivem com negros. Além disso, é importante pensar na proporção entre negros e brancos nos escritórios, além de pensar nessa proporção é necessário pensar em qual a cor das pessoas que ocupam os cargos mais altos.

Visto isso, é muito importante questionar a desigualdade racial na sociedade e a forma que ela está presente, principalmente nos trabalhos, visto que, o racismo assume diversas dimensões em um ambiente de trabalho. Assim, é necessário se perguntar segundo Djamila, “quantos talentos o Brasil perde todos os dias por causa de racismo?” (RIBEIRO Djamila, pequeno Manual Antirracista, 2019, p.29)

Ainda mais, acontece o epistemicídio, sendo esse, o apagamento de produções produzidos por grupos oprimidos. Esse apagamento é evidente ao se pensar que livros de pessoas negras são raramente indicados para leitura. Visto isso, esse apagamento segundo Djamila, contribui para a pobreza do debate público.

Os negros no Brasil são a maioria, o que faz com que suas obras sejam leituras de extrema importância. Essa desigualdade mostra a ideia de que somente os brancos dominem o saber, ou seja, um embranquecimento da cultura, fazendo com que seja produzido um fracasso e evasão escolar dos negros.

No livro, é colocado pela autora que debates sobre apropriação cultural não atingem satisfação na maioria das vezes, já que apresentam o mesmo equívoco; não se deve olhar para o ponto específico tratado em questão, e sim voltar ao

passado e as raízes do problema para entender que culturas negras foram exploradas drasticamente e negativamente ao longo da história, e por isso é vivenciado um racismo hierarquizado e estrutural entre a sociedade contemporânea.

É de extrema importância a compreensão de que o foco não é poder ou não usar roupas da cultura afro, por exemplo, mas é poder usar tendo nítido o entendimento da cultura. Pessoas se apropriam da cultura negra mas não se preocupam com o que se passa dentro a própria população negra no Brasil, a história de luta e resistência aparenta ser ignorada. Assim, Djamilia afirma que a sociedade é hipócrita e egoísta.

Desde a colonização e o início do período da escravatura ao redor do mundo que fora criada uma estrutura social -a qual esbanje drasticamente suas heranças até a atualidade- onde dominantes definem quem são os inferiores, e com isso quem está acima "merece" o direito e livre arbítrio para usurpar daquele que está abaixo. Tal colocação reflete-se nas relações contemporâneas cotidianas, onde o branco comanda e o negro, submisso, obedece.

Para não haver apropriação cultural que perca o sentido e a real essência da cultura colocada, é necessário que, de forma estrutural e não somente individual, a sociedade coloque fronteiras frente a ignorância e busque constantemente a informação e conteúdo.

No mundo globalizado atual é, majoritariamente, através da mídia que é possível informar e mostrar a urgência de um comprometimento intelectual em busca da diminuição da propagação racista. Porém, em contrapartida, é na própria indústria audiovisual brasileira que negros ainda se encontram em posições completamente estereotipadas, os quais explicitam a invisibilidade social; no mesmo contexto brancos -como já ditava a estrutura social imposta- aparecem em papéis de nítida dominância.

A reversão do racismo suplica por uma sociedade que compreenda as causas do problema, a história por trás e os pilares que mantêm tal problema como algo "normal", dizer que "já faz parte", "já estão todos acostumados", fere não só aos direitos humanos dos cidadãos que se incluem diante da segregação mas também mostram que a sociedade, apesar de tanto desenvolvimento e avanço, parece regredida e atrasada. Se a sociedade não respeita ela mesma, ela deve respeito ao que?

Para Djamila, outro grande problema trazido junto ao racismo e que envolve o coletivo brasileiro é o fato de que mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país, e o maior fator contribuinte a isso -além da questão maioritária do machismo na sociedade- fora a visão colonial implementada até os dias atuais, a qual enfatiza corpos negros como violáveis e objetos. A escravidão sempre colocou seus corpos como mercadoria e propriedade do próximo, e portanto a figura feminina servia não só para mão de obra mas também para satisfação de seus dominantes.

"Nega" termo normalizado socialmente, porém se contextualizado se apresenta como problemático, já que tal apropriação e sexualização remove a humanidade das mulheres e invade seu espaço sem permissão. O que parece inofensivo numa visão geral, se torna demasiadamente violento para quem se encontra no papel o qual o tema se refere.

A autora coloca que "é preciso questionar padrões estéticos que desumanizam as mulheres negras" (RIBEIRO Djamila, pequeno Manual Antirracista, 2019, p.32) e é por esse fator que se dá a importância de entender o contexto histórico que levou a humanidade a tal herança pejorativa. Um marco nítido deixado por essa herança é o fato de que atualmente trabalhadoras domésticas -negras- não têm seus direitos trabalhistas assegurados e a legislação não retira tal afirmação.

A junção de raças e etnias sem uma segregação generalizada só ocorre através de uma construção intelectual, assim, é necessário que a política e o Estado contribuam de forma que a população atribua a ética e a empatia ao próximo; aquele que é visto diferente, como indaga Djamila: "[...] a norma é branca, tudo que difere é visto como o que não é bom" (RIBEIRO Djamila, pequeno Manual Antirracista, 2019, p.35)

O racismo na sociedade é tratado como um tabu, e assim como vários outros parece ser deixado de lado em conversas, diálogos, textos e demais abordagens. Porém é clara a necessidade de abordar questões raciais cotidianamente para que ele deixe de ser visto como algo até mesmo censurado, e passe a ser um assunto normalizado socialmente.

Quanto maior a desenvoltura acima de tal questão, maior o alcance às pessoas que portanto irão futuramente desenvolver a noção do certo e errado, acarretando na minimização maioritária do problema.

Tabus e problemas são uma questão muito polêmica atualmente, mas o método mais eficaz de resolução e entendimento das questões é colocar em pauta discussões acerca de tais assuntos.

A autora do livro *Ensinando a Transgredir*, bell hooks defende que a educação é como uma prática da liberdade, e que o ensino precisa ser feito de uma forma respeitosa, que proteja os alunos, sendo esse respeito algo fundamental para a educação. Sendo assim, a pedagogia necessita ser engajada.

A falta de conhecimento no Brasil é um fato, visto que o conhecimento na sociedade não está distribuído de forma justa, além disso, esse fato mostra a desigualdade vivida no Brasil e no mundo. bell hooks diz que as classes sociais moldam as relações, e como uma professora ela mostra que pessoas de origens afrodescendentes e alunos pobres falam mais sobre a desigualdade social e as questões trazidas pelas classes, ademais, em uma frase de seu livro, ela mostra que na educação há um silêncio sobre as diferenças, “em nenhum lugar há um silêncio tão intenso acerca da realidade das diferenças de classe quanto nos contextos educacionais” (HOOKS, bell; *Ensinando a Transgredir*, 2013. p.235).

A educação, tem uma ligação direta com a temática do racismo, visto que, é através dela que indivíduos pensantes são criados para a vida na coletividade. Dessa forma, pensando na ideia de coletividade e de pensar no próximo para a formação de um futuro com melhores oportunidades e mais justo, é de extrema importância a mobilização da temática do racismo na educação para que essa questão não seja tratada como um tabu na sociedade e para que o racismo seja combatido.

A lei 10639/03 foi criada em 2003 garantindo o estudo da história e cultura afro-brasileira nos currículos das escolas, incluindo a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e formação da sociedade nacional. Essa lei surgiu através da luta dos negros.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Lei 10639/03, Constituição Federativa do Brasil de 1988)

Uma forma de inserir o racismo e as questões que estão envolvidas nessa temática é através dos exames de vestibulares, inserindo a temática em questões tanto de linguagens e ciências humanas, quanto nas questões de matemática e ciências da natureza. Além disso, a partir do momento que os vestibulares abordam um tema, conseqüentemente, esse tema será abordado nas salas de aula e fará parte do currículo das escolas.

A partir da análise de provas de vestibulares, é visível que a quantidade de questões que envolvem o racismo é muito pequena, sendo essas questões, encontradas somente nas áreas de ciências humanas e linguagens, podendo ser visto na tabela a seguir:

PROVAS	NÚMERO DE QUESTÕES	QUESTÕES QUE ENVOLVERAM O RACISMO	OBSERVAÇÕES
Enem 2019	Ling: 45 C. Hum: 45 C. Nat: 45 Mat: 45	Ling: 0 C. Hum: 1 C. Nat: 0 Mat: 0	Exame público
Fuvest 2018	1a fase: 90 2a fase: Ling: 10 Mat: 6 C. Nat: 18 C. Hum: 12	1a fase: 0 2a fase: Ling: 1 Mat: 0 C. Nat: 0 C. Hum: 1	Universidade pública
Unesp 2019	Ling: 11 C. Hum: 11 C. Nat + Mat: 14	Ling: 0 C. Hum: 0 C. Nat + Mat: 0	Universidade pública
Mackenzie 2019	Ling: 18 Mat:7 C.Hum:14 C.Nat.: 21	Ling: 0 Mat:0 C.Hum:1 C.Nat:0	Universidade privada
Puc 2019	Ling: 28 C. Hum: 17 C. Nat: 26 Mat: 9	Ling: 0 C. Hum: 2 C. Nat: 0 Mat: 0	Universidade privada

Espm 2019	Ling: 30 Mat: 20 C. Hum: 30	Ling:0 Mat: 0 C. Hum:0	Universidade privada
Enem 2018	Ling: 45 C. Hum: 45 C. Nat: 45 Mat: 45	Ling: 3 C. Hum: 0 C. Nat: 0 Mat: 0	Exame público
Espm 2018	Ling: 30 Mat: 20 C. Hum: 30	Ling: 0 Mat: 0 C. Hum: 0	Universidade privada
Fuvest 2019	1a fase: 90 2a fase Ling: 10 C. Hum: 12 C. Nat: 18 Mat: 6	1a fase: 1 de ling 2a fase: Ling: 0 C. Hum: 0 C. Nat: 0 Mat: 0	Universidade pública
Unicamp 2019	1a fase: 90 2a fase: Ling: 6 C. Hum: 12 C. Nat: 18 Mat: 6	1a fase: 2 ling 1 C. hum 2a fase: Ling: 1 C. Hum: 1 C. Nat: 0 Mat: 0	Universidade pública

4 RESULTADOS

Através da análise da tabela e de contas matemáticas feitas pelos dados obtidos, pode-se constatar que a cada 100 questões de linguagens aproximadamente 2,7 tratam da questão do racismo, ou seja 2,7%. Nas questões de ciências humanas se constatou que a cada 100 questões, se encontram aproximadamente 2,8 questões que tratam da temática do racismo, ou seja, 2,8% das questões de ciências humanas envolvem o tópico. Já em relação à matemática e ciências da natureza, não foram encontradas questões que se relacionam com o tópico, fazendo com que esse número ficasse em 0%. Para melhor entendimento, as informações se encontram no gráfico 1 a seguir:

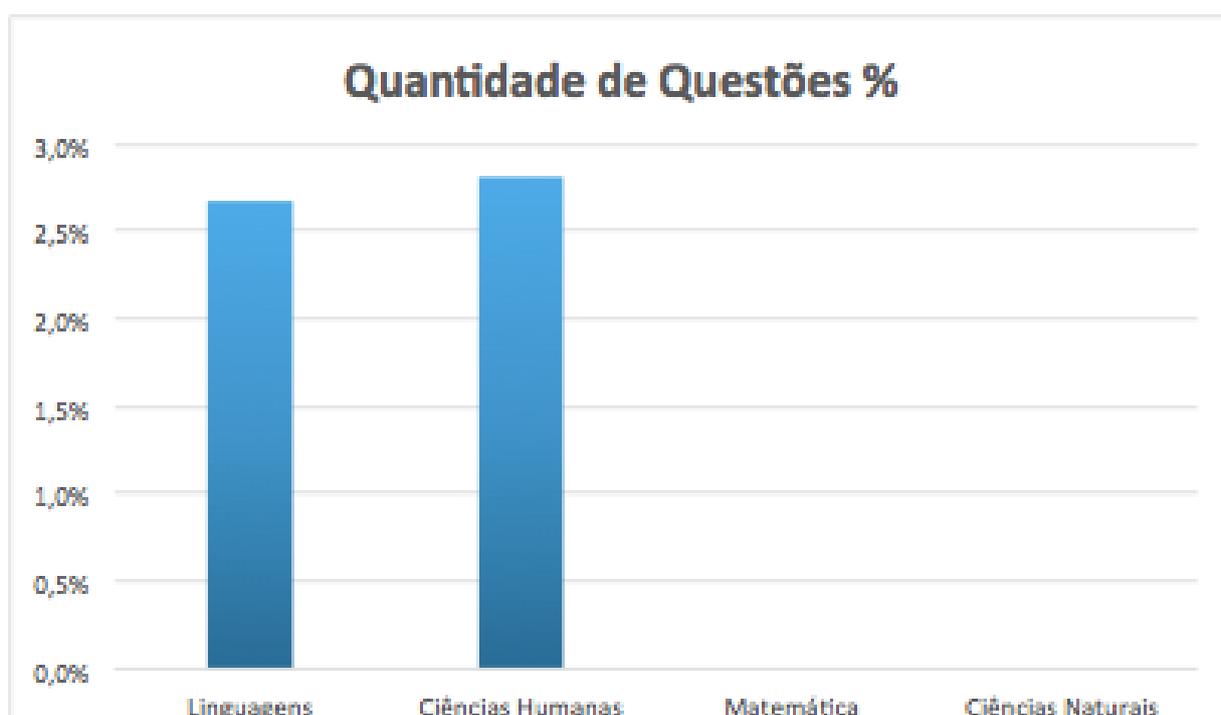


Gráfico 1- (Gráfico autoral)

Fazendo uma comparação entre os exames privados e públicos, se obteve que, nos exames públicos a taxa de questões que envolvem o racismo é de 1,5%, ou seja, 1,5 questões a cada 100. Já nos exames privados, se obteve uma taxa de 1%, ou seja, uma questão a cada 100. Sendo esse fato visível no gráfico 2, a seguir:

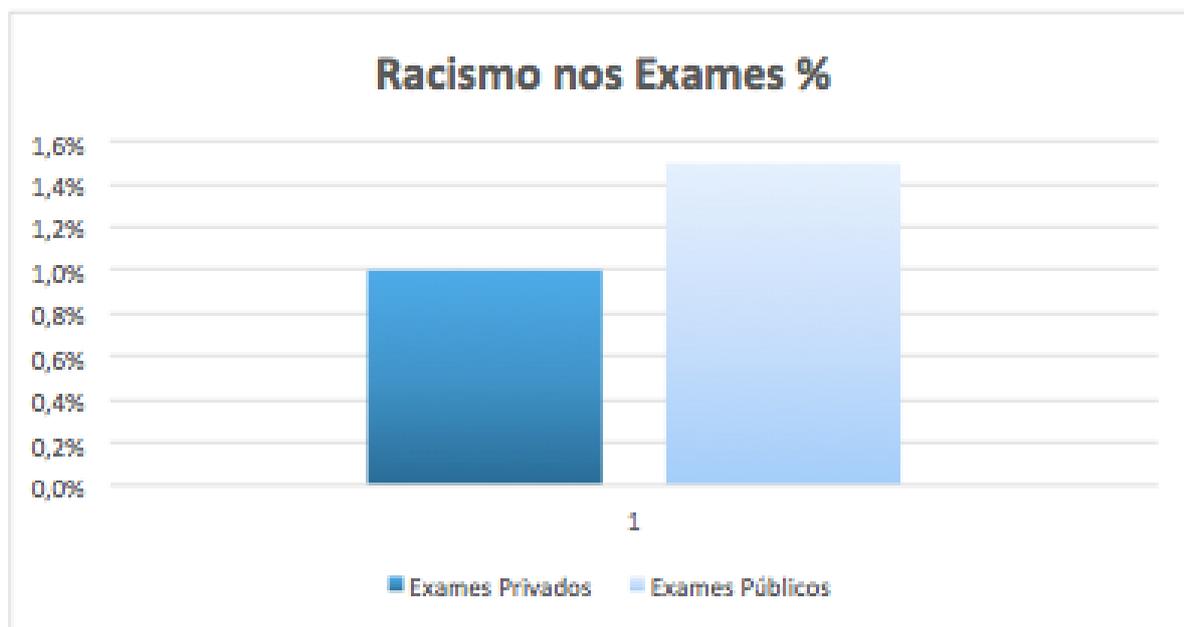


Gráfico 2- (Gráfico autoral)

A porcentagem de questões por matéria, nos exames públicos é em ciências humanas 2%, em linguagens 4,1% e ciências naturais e matemática 0%. A porcentagem de questões por matéria, nos exames privados é de 4,4% em ciências humanas e 0% em linguagens, matemática e ciências naturais. Esses dados podem ser vistos no gráfico 3 a seguir:

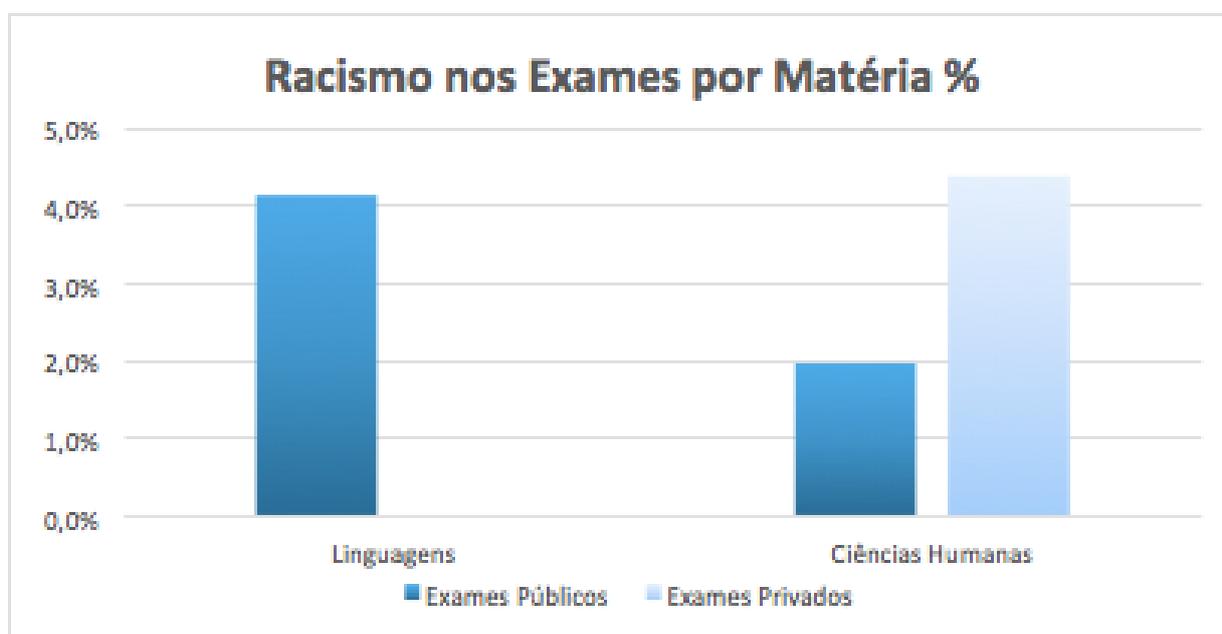


Gráfico 3- (Gráfico autoral)

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir dos resultados apresentados anteriormente, é visível a pouca presença da temática do racismo na educação e mais especificamente nas provas de vestibulares.

Isso mostra a extrema necessidade de uma mudança estrutural na organização da educação, visto que, a educação tem uma importante influência na formação da sociedade e é responsável pela formação do intelecto dos indivíduos. Assim, é necessário implantar um sistema que abrangesse um todo e criasse indivíduos não racistas, para isso, é necessário tratar da questão racial em todas as áreas da educação, pois, tratar de um assunto é uma forma de combatê-lo.

Analisando os resultados parciais, é visível que a temática do racismo não se faz presente nas áreas de ciências naturais e matemática, tendo uma porcentagem de 0% de questões que envolvem a raça. Isso mostra o quanto a questão racial é tratada como algo de humanidades, algo que mostra que essa questão tem um espaço muito pequeno de fala.

O racismo, como visto anteriormente, está mais presente nos exames públicos. Algo que faz sentido, visto que, alunos negros são encontrados em maior quantidade em universidades públicas, sendo de extrema importancia uma implementação desse assunto em maior quantidade nos exames privados, fazendo com que os negros também se sintam representados nesses exames.

6 CONCLUSÃO

Visto os estudos, análises e reflexões sobre o tema, é possível concluir que o racismo é um dos problemas sociais mais presentes e ao mesmo tempo um dos mais despercebidos e ignorados pela sociedade no cotidiano. Para entender melhor e confirmar tal afirmação foi utilizada a educação como pilar à pesquisa, já que é ela o intermédio para reverter questões, trazendo para as novas gerações o distanciamento da ignorância, assim, analisamos provas de vestibulares de universidades em São Paulo e com os dados- que majoritariamente não haviam questões que envolviam racismo- pode ser concluído que onde mais é necessária a abordagem deste tema, na educação, ele não está presente.

Por isso, foi concluído que seria de extrema necessidade a maior abordagem e o maior envolvimento do assunto na área educacional, para assim o problema começar a ser resolvido e revertido. Assim, como uma forma de mostrar que a abordagem do racismo em questões de vestibulares é algo possível foram criadas duas questões, uma de matemática e uma de química:

Questão de matemática:

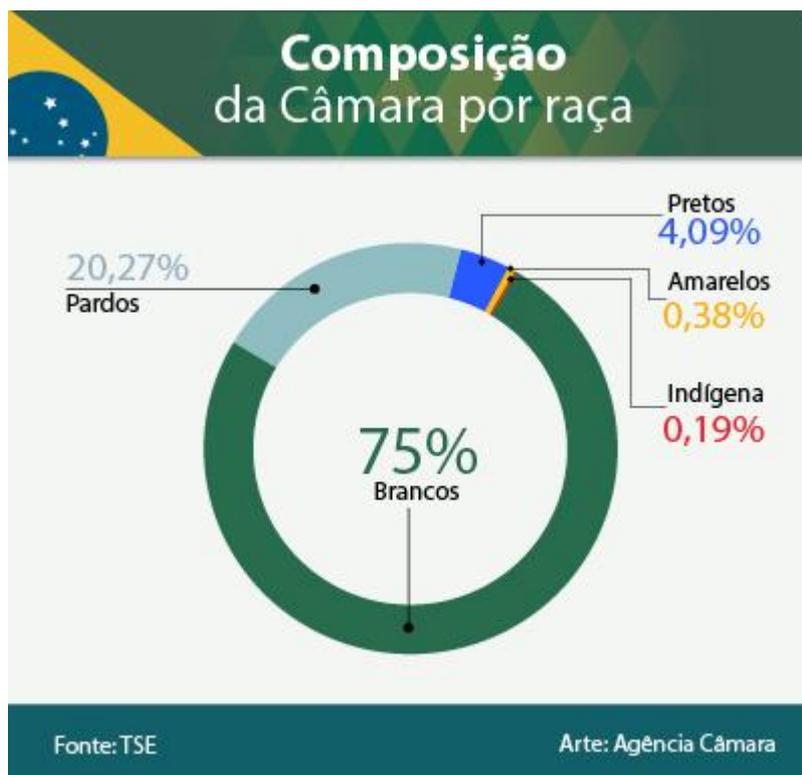
Texto 1

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada em novembro do ano passado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrava que, em 2016, os brancos representavam 44,2% da população brasileira; os pardos representavam a maior parte da população (46,7%); e os pretos, 8,2% do total de brasileiros. A cor é autodeclarada pelo entrevistado.

Fonte: Agência Câmara de Notícias

<https://www.camara.leg.br/noticias/545913-numero-de-deputados-negros-cresce-quase-5/>

Texto 2



Fonte: Agência Câmara de Notícias <https://www.camara.leg.br/noticias/545913-numero-de-deputados-negros-cresce-quase-5/>

A população total do Brasil em 2016 segundo o IBGE era de 206,1 milhões de habitantes. A quantidade de deputados na câmara é de 513 deputados. Visto os dados citados nos dois textos e a partir das informações dadas, calcule a quantidade de negros na câmara e a quantidade de negros no Brasil em 2016

Informações necessárias para a resolução da questão: Negros segundo IBGE- Grupo que engloba os pretos e pardos.

Questão de química:

“Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.”

(GEDEÃO, Antonio; Lagrima de Preta; <https://www.escritas.org/pt/t/1854/lagrima-de-preta>)

No texto são citados os sais, qual não é uma característica dos mesmos:

- a) São condutores de corrente elétrica quando estão em soluções
- b) A substância NaCl é um dos principais sais e um dos mais utilizados na cozinha
- c) Os sais reagem com ácidos, com hidróxidos, com outros sais e com metais.
- d) São compostos iônicos
- e) HCl é um sal.

A partir disso, é visível que abordar a temática do racismo em matérias de exatas é algo possível, além de ser necessário. Assim se cria a questão do porque essas matérias se abstém de tratar dessas questões. Sendo isso, pois, o racismo é um tabu, um tema muito difícil de ser enfrentado, trazendo várias questões delicadas, as quais carecem e necessitam de vários cuidados.

O combate ao racismo parte de um processo doloroso, como diz Djamila Ribeiro, é também muito difícil que pessoas se assumam como racistas e trabalhem para o combate dessas ideias, sendo que muitas vezes, como já dito anteriormente; as pessoas assumem que existe racismo na sociedade mas não se assumem como racistas, sendo isso algo quase como impossível, visto que, ao ser criado em uma sociedade estruturalmente racista é muito difícil não reproduzir essas ideias.

O racismo ainda é uma questão muito presente na sociedade, mas com muita luta e conscientização é possível combatê-lo.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 22 maio 2020.

UNIVERSIDADE MACKENZIE. **Vestibular Mackenzie 2019**. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/downloads/universidade-presbiteriana-mackenzie.htm> . Acesso em: 15 agosto 2020.

Vestibular Unesp. Disponível em: <https://vestibular.unesp.br/Home/2019/caderno-cg-1a-fase-versao-1-2019.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PUC. **Vestibular Puc**. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/downloads/pontificia-universidade-catolica-sao-paulo.htm>. Acesso em: 18 jul. 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. A educação como prática da liberdade. 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

ALVES, Líria. **Sais**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/quimica/sais.htm#:~:text=Os%20sais%20s%C3%A3o%20compostos%20i%C3%B4nicos,el%C3%A9trica%20quando%20est%C3%A3o%20em%20solu%C3%A7%C3%A3o.&text=4%20%2D%20Ao%20reagir%20com%20um,que%20o%20empregado%20na%20rea%C3%A7%C3%A3o..> Acesso em: 12 nov. 2020.

GEDEÃO, Antonio. **Lágrima de Preta**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/1854/lagrima-de-preta>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ENEM. **Exame nacional do ensino médio**: prova de linguagens, códigos e suas tecnologias e redação prova de ciências humanas e suas tecnologias. PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS E REDAÇÃO PROVA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS. 2018. Disponível em: ENEM (org.). ENEM 2018. 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/1DIA_01_AZUL_BAIXA.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.. Acesso em: 6 nov. 2020.

ENEM. **Exame nacional do ensino médio**: prova de ciências da natureza e suas tecnologias prova de matemática e suas tecnologias. PROVA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS PROVA DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS. 2018. Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/2DIA_07_AZUL_BAIXA.pdf. Acesso em: 6 nov. 2020.

ESPM. **Vestibular Espm**. 2018. Disponível em: https://www.espm.br/wp-content/uploads/2018/06/vestibular_sao_2018-2.pdf. Acesso em: 8 nov. 2020.

FUVEST. **Vestibular Fuvest**. 2019. Disponível em: https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/fuvest_2020_primeira_fase_prova_V.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

FUVEST. **Vestibular Fuvest 2ª fase**. 2019. Disponível em: https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/fuv2020_2fase_dia_2.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

FUVEST. **Vestibular Fuvest 2ª fase**. 2019. Disponível em: https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/fuv2020_2fase_dia_1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

UNICAMP. **Vestibular UNICAMP**. 2019. Disponível em: https://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/unicamp/unicamp2019_1fase.asp?img=01. Acesso em: 20 out. 2020.

UNICAMP. **Vestibular Unicamp 2a fase**. 2019. Disponível em: https://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/unicamp/unicamp2019_2fase.asp?img=01. Acesso em: 20 nov. 2020.

HAJE, Lara. **Número de deputados negros cresce quase 5%**. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/545913-numero-de-deputados-negros-cresce-quase-5/>. Acesso em: 8 nov. 2020.

WIKIPEDIA. **Djamila Ribeiro**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Djamila_Ribeiro. Acesso em: 11 nov. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Schwarcz S. A, 2019. Disponível em: <http://www.stiueg.org.br/Documentos/7/582.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.